

Feliz Ano Velho: Um olhar dividido entre a Ditadura Militar e a Redemocratização

Darlan Roberto dos Santos¹

RESUMO: Pretende-se fazer uma abordagem crítica da autobiografia de Marcelo Rubens Paiva, *Feliz ano velho*. Para tanto, considerar-se-á a discussão de uma identidade nacional situada entre a rememoração da ditadura militar e as especulações acerca da abertura política no Brasil. A influência do livro de Fernando Gabeira, *O que é isso companheiro?*, nas reflexões políticas presentes na obra estudada também ganham espaço no presente artigo.

PALAVRAS-CHAVES: Autobiografia; Ditadura Militar; Redemocratização.

INTRODUÇÃO

Feliz ano velho é uma obra peculiar, paradigmática em vários aspectos. A publicação, lançada em sua primeira edição em 1982, marca o ingresso de Marcelo Rubens Paiva na Literatura, assim como reflete a conturbada transição política no Brasil, quando a redemocratização despertava nas pessoas um misto de euforia e dúvida. Marcelo, que tinha pouco mais de vinte anos de idade quando escreveu seu livro de estréia, participava ativamente desse panorama. Filho do ex-deputado federal Rubens Paiva, desaparecido durante a ditadura, o jovem também nutria o engajamento político, tendo sido um dos primeiros afiliados do Partido dos Trabalhadores.

Todas essas referências estão presentes em *Feliz ano velho*, que, apesar do rótulo de “autobiografia”, extrapola a escrita íntima, abarcando, também, reflexões acerca da história do país e de seus possíveis desdobramentos.

Beirando, muitas vezes, o teor panfletário, o autor cobra um “acerto de contas” com os anos de chumbo e rememora todo o drama decorrente da perseguição política a seu pai, que culminou com a prisão e o sumiço do ex-deputado, ainda hoje não explicado. Este é um dos eixos centrais do livro, em que a revolta pessoal mistura-se à indignação do ser político, traço marcante do escritor latino-americano, introjetado por Marcelo Rubens Paiva em toda a sua obra.

Outra nuance que se destaca no livro em questão é a melancólica, desencadeada pela dor e a autopunição que Marcelo sustenta em relação ao acidente que o deixaria tetraplégico. A alusão ao tema ocupa boa parte do texto, sem, no entanto, excluir o engajamento e a militância.

¹ Mestrando em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora

No presente trabalho, abordaremos as implicações resultantes dessa relação entre o relato autobiográfico e o empenho de Marcelo Rubens Paiva na problematização de uma identidade nacional, que mantém um olhar rumo ao futuro democrático, sem, entretanto, abandonar o trabalho “arqueológico” do passado recente. Nossa hipótese de reflexão será a de que o autor consegue conciliar o particular e o coletivo em seu livro e, para isso, metaforiza sua situação pessoal, confrontando-a com o panorama do país.

Uma dessas metáforas seria a de que o Brasil, assim como Marcelo, precisa reaprender a lidar com seu próprio corpo, após um grande abalo. A ditadura militar, de maneira similar ao salto empreendido pelo jovem em uma lagoa, paralisa o país, impede seus movimentos mais primordiais, tolhendo sua liberdade. O autor também sente esse drama na esfera pessoal e, paralelamente à nação, trava uma luta para superar o trauma e resgatar sua mobilidade. É a esse trabalho de redenção e à crítica à ditadura militar que recorreremos em nossas considerações.

1. O PARTICULAR E O COLETIVO NA AUTOBIOGRAFIA

A autobiografia é conceituada genericamente como "a vida de um indivíduo escrita por ele mesmo" (sentido dicionarizado). No entanto, esse tipo de escrita supera a questão pessoal e, especialmente, na contemporaneidade, representa uma busca de expressão na sociedade. A partir do século XX, discorrer sobre o próprio passado tornou-se uma espécie de "modismo" entre intelectuais, artistas e, até mesmo, os indivíduos em geral, já que, a princípio, todos nós temos algo para falar de nossa própria história. Este, aliás, é um dos pressupostos que permitiram que a autobiografia se desenvolvesse em nossa época: a democratização do discurso.

Tradicionalmente, as narrativas sempre se caracterizaram pelo monopólio da escrita, expondo, assim, o ponto de vista dos vencedores. Foi somente a partir do Marxismo, com o materialismo histórico, e, mais especificamente, no último século, que o sistema começou a oferecer "lacunas", para que os "destituídos de poder" pudessem expor suas idéias. A autobiografia é uma dessas brechas. Wander Melo Miranda aborda a questão:

Há uma íntima e evidente correlação entre o afirmar-se na literatura autobiográfica, como é comumente entendida, e a ascensão da burguesia enquanto classe dominante, cujo individualismo e cuja concepção de pessoa encontram na autobiografia um dos meios mais adequados de manifestação

[...]. Essa “nova forma” [...] representaria uma tentativa de esclarecer as inter-relações entre vida privada e vida política, colocando uma questão cuja análise deveria poder explicar, entre outras coisas, por que a “vida interior” não conseguia oferecer nenhuma proteção efetiva contra as ameaças circundantes”.
(MIRANDA: 1992, 26)

Tal concepção pode ser observada em *Feliz ano velho*, já que os questionamentos pessoais da personagem¹ esbarram em pontos cruciais para o próprio país. Há uma imensa afinidade entre as experiências vividas por Marcelo e a história recente do Brasil, o que nos permite enxergar traços da trajetória nacional pelo viés da biografia de um jovem contestador, crescido em meio à ditadura e testemunha da luta de seu pai contra o regime militar.

A maneira como o escritor elabora seu texto também nos permite colocá-lo na fronteira entre memorialismo e autobiografia. Na verdade, são linhas tênues que separam tais classificações. Recorramos, mais uma vez, a Wander Melo Miranda:

Mesmo se se consideram as memórias como a narrativa do que foi visto ou escutado, feito ou dito, e a autobiografia como o relato do que o indivíduo foi, a distinção entre ambas não se mantém muito nítida. O mais comum é a interpenetração dessas duas esferas e, quase sempre, a tentativa de dissociá-las é devida a critérios meramente subjetivos ou, quando muito, serve de recurso metodológico [...]. (Idem: 1992, 36)

A “contaminação” entre os dois tipos de narrativa dá-se porque é impossível, para qualquer autor, restringir sua escrita exclusivamente à focalização do *eu* que narra. Este, ao desencadear a retrospectiva, não olha apenas para si e para aqueles que o cercam, mas também para um determinado contexto histórico-geográfico. O que varia de escritor para escritor é a intensidade do enfoque social. No caso de Marcelo Rubens Paiva, o ponto de vista é extremamente crítico e banha-se com profusão na realidade de seu país. Isto ocorre não só em seu livro de estréia, mas em todo o percurso intelectual do autor e futuro jornalista, que, melhor do que ninguém, define a sua escrita:

Em 1982, Feliz ano velho, sonhos, querer mudar, fazer e lembrar.

¹ De acordo com um dos teóricos da autobiografia, Philippe Lejeune, supõe-se que haja uma identidade de nome entre o autor, o narrador e a pessoa de quem se fala, nesse tipo de escrita memorialística. Com base nessa aceção, referiremo-nos, no trabalho em questão, ora a Marcelo Rubens Paiva, ora à personagem de *Feliz ano velho*. No entanto, nos dois casos, as considerações recaem sobre o autor da obra.

Em 1986, *Blecaute*, uma viagem para o além da imaginação, realidade não. Em 1990, *UA: BRARI*, Brasil sem saídas, desilusão e um caminho para o outro lado da Terra. Um livro a cada quatro anos (...). O que une todas essas obras: inquietação. (PAIVA: 1990, 227)

Posteriormente, o escritor lançaria outros quatro livros: *Bala na agulha* (1992), *As fêmeas* (1994), *Não és tu, Brasil* (1996) e *Malú de bicicleta* (2003), todos ratificados pela apreciação da sociedade brasileira e pela reprovação à intolerância e ao preconceito.

No caso específico de *Feliz ano velho*, MRP é bem sucedido na empreitada de elaborar não apenas uma escrita burguesa, que poderia responder somente aos seus anseios particulares. Ele vai além e segue a estratégia do narrador testemunhal, que, segundo John Beverley, “representa una manera diferente de articular una identidad personal, estrategia que no implica en el caso de narradores de origen popular una separación del grupo social del cual proceden”. (BEVERLEY: 1997, 166) Ou seja; Marcelo mantém-se fiel ao seu grupo de origem, à geração dos filhos da resistência ante à ditadura, perpetuando a problematização da sociedade brasileira através de sua obra.

2. O ENGAJAMENTO EM *FELIZ ANO VELHO*

Em nossa introdução, classificamos *Feliz ano velho* como uma obra paradigmática. Tal consideração deve-se a alguns aspectos, que abordaremos a seguir. Em primeiro lugar, a composição e lançamento do livro acontecem em um período crucial para o Brasil do *finesséculo*: o início dos anos 80. Conforme Silviano Santiago:

A transição deste século para o seu “fim” se define pelo luto dos que saem, apoiados pelos companheiros de luta e pela lembrança dos fatos políticos recentes e, ao mesmo tempo, pela audácia da nova geração que entra, arrombando a porta como impotentes e desmemoriados radicais da atualidade. Ao luto dos que saem opõe-se o vazio a ser povoado pelos atos e palavras dos que estão entrando. (SANTIAGO: 1998, 12)

Nesse contexto, Marcelo Rubens Paiva mantém-se no limiar, já que, embora represente a “nova geração”, tem seus pés fincados no passado, através do testemunho ao ocorrido com seu pai.

Rubens Paiva, deputado filiado ao PTB, havia sido cassado pelo Ato Institucional nº 1, em 1964, por ter participado de uma Comissão Parlamentar de Inquérito que apurava o recebimento de dólares de colaboradores americanos por generais comprometidos com o golpe militar. No dia 20 de janeiro de 1971, o ex-deputado é rendido em sua casa, no Rio de Janeiro, e levado para o DOI/CODI, nunca mais tendo sido visto. As versões para o caso são muitas e a oficial é de que Rubens teria sido resgatado do departamento de investigações, por guerrilheiros.

A resumida explanação sobre o fato é importante para inteirarmo-nos a respeito da conduta adotada pelo autor, ao tratar da questão em seu livro. Mesmo pertencendo a uma nova classe de intelectuais, muito mais comprometida com a construção da “nova república”, do que com a luta ideológica que permeou o período militar, MRP não abandona as reflexões acerca do passado recente do país, influenciado, em grande parte, pelos acontecimentos que atingiram em cheio a sua história pessoal.

O escritor surpreende ao transcender os temas concernentes à sua época e engajar-se no “exorcismo do passado”, tarefa que, de acordo com Silviano Santiago, é fundamental para que o país deixe de “mancar da perna esquerda”. Marcelo Rubens Paiva não se deixa entusiasmar pela euforia da brisa democrática que inaugura os anos 80 no Brasil. Sua escrita memorialística presta-se, ao mesmo tempo, ao trabalho de exumação de outrora e ao alerta de que tal tarefa é imprescindível, antes de se empreender qualquer projeto futuro. Afinal, como bem considera Wander Melo Miranda, “o passado não é só negativamente o que acabou, mas o que foi e que, por ter sido, é preservado no presente” (MIRANDA: 1992, 112)

Ao perceber as reminiscências do passado, o autor, através de sua personagem, reivindica um acerto de contas que seja satisfatório não apenas para sua vida, mas, também, para a história da nação:

Justiça neste país é uma palavra sem muita importância. As pessoas de farda ainda são os donos do Brasil [...]. Chegará o dia de quem desapareceu com Rubens Paiva, assim como chegará o dia dos que desapareceram com vinte mil na Argentina, porque esses desaparecimentos têm o mesmo significado. O sadismo de alguns imbecis que apenas por vestirem fardas e usarem armas se acham no direito divino de tirar a vida de uma pessoa, pelo ideal egoísta de se manter no poder. (PAIVA: 1982, 65)

Podemos, nesse ponto, fazer uma analogia entre o olhar dividido do intelectual que desponta no Brasil pós-ditatorial e a “mirada estrábica” do letrado latino-americano, citando Ricardo Piglia. Este nos diz que “hay que tener un ojo puesto en la inteligencia europea y el otro puesto en las entrañas de la patria” (PIGLIA: s/d/, 61). Para aqueles que, como MRP, representam a geração da “nova república”, é essencial a abordagem não só do contexto atual e das dicotomias metrópole-periferia e centro-margem, mas, também, da realidade nacional que precedeu a democracia e, certamente, nos ajuda a entender os norteamientos seguidos pelo país. Esta seria uma das tarefas de *Feliz ano velho*, o que pode ser observado em vários trechos do livro. Mencionemos um deles:

Anistia, pacotões, partidos extintos. O povo brasileiro (povo?) em busca de uma identidade partidária. [...] Na faculdade, em 78, a gente ouvia falar num tal de Lula, líder sindical em São Bernardo do Campo, que saía quase todos os dias no *Jornal Nacional*. O governo e seu porta-voz, a *Globo*, usavam o tal de Lula para mostrar os novos caminhos de um sindicalismo moderado e não nas mãos comunistas de antes de 64. O barbudo soava como fruto da redemocratização do Geisel, que a sociedade estava se organizando livremente e que já-já o país virava uma democracia.” (PAIVA: 1982, 142-3)

3. UM ACERTO DE CONTAS COM OS ANOS DE CHUMBO

Paralelamente ao eixo político, Marcelo Rubens Paiva empenha-se em uma escrita extremamente melancólica, fruto de seu sentimento de culpa pelo acidente que o vitimou, comprometendo sua coluna vertebral. Obrigado a ficar, durante meses, preso a uma cama de hospital, o então futuro escritor adota como “colega”, nessa dolorosa fase de recuperação, outro intelectual; Fernando Gabeira, através de seu livro *O que é isso companheiro?*:

[...] As aventuras do Gabeira entravam pelo meu ouvido e me faziam lutar junto. Tinha momentos em que me identificava profundamente com ele. Principalmente numa parte do livro em que ele, perseguido pela polícia, é obrigado a ficar um mês no apartamento de uma pessoa que nem conhecia. [...] Era uma situação muito parecida com a minha, preso num lugar que não conhecia, absolutamente sem fazer nada. (PAIVA: 1982, 37-8)

A melancolia, em *Feliz ano velho*, resulta da incapacidade de Marcelo em poder modificar o seu destino, já que, nesse momento de sua trajetória, só lhe resta esperar por uma resposta do próprio corpo. Nessa privação da liberdade, tal como Gabeira, ele sente-se triste e paralisado. No entanto, a melancolia, como bem define Julia Kristeva em seus estudos sobre o assunto, gera sentimentos conflitantes, como a insistente comunicabilidade. Marie-Claude Lambotte define essa conduta como uma “excitação furiosa do pensamento, capacidade de raciocinar, semelhante à embriaguez do vinho” (LAMBOTTE: 2000, 33).

Daí, talvez, justifique-se o texto verborrágico de MRP, as frases curtas, a profusão de acontecimentos que vão sendo contados, o ir e vir no tempo; reflexos do turbilhão de pensamentos e sensações que atingem a personagem, que, de concreto, tem apenas os fatos vividos e as observações sobre a nação. O futuro, para Marcelo, é apenas uma incógnita, assim como para o Brasil que ingressa nos anos 80.

Marcelo Rubens Paiva aproveita o período em que está hospitalizado para elaborar as primeiras reflexões acerca da própria vida e de seu país; lucubrações que, mais tarde, seriam registradas em sua autobiografia. Nessa empreitada, o jovem toma Fernando Gabeira como modelo, não só pela figura humana, que precisou vencer limites pessoais para resistir à perseguição política. Gabeira, para MRP, representa a imagem do intelectual brasileiro que, como tantos, lutou por ideais contrários ao sistema vigente e viu seu empenho ser interrompido pelo exílio:

O Gabeira nem imagina o quão importante ele foi para mim. Nunca me esqueci da emoção que ele sentiu, quando, ao sair do apartamento, pegou um ônibus que vai pelo aterro, na praia do Flamengo, abriu a janela e ficou curtindo o vento batendo em seu rosto. [...] No final do livro, Gabeira é trocado por um embaixador e posto num avião para fora do país, na condição de exilado. (Idem: 1982, 38)

No entanto, com a abertura política, o combate é retomado, não mais através da luta armada, e, sim, do trabalho do intelectual que não pode deixar que o passado se apague. Para os pensadores da “nova república”, não deve haver anistia para o terror da ditadura militar. É esse sentimento que perpassa o texto de Marcelo Rubens Paiva e de tantos outros escritores, como o do próprio Gabeira:

Começaria aí um exílio dentro do exílio, desta vez mais longo e doloroso porque as ditaduras militares estavam fechando o cerco

no continente. Na melhor das hipóteses, portanto, iríamos sofrer muito. [...] Foi assim, nessa corrida meio culpada, que me ocorreu a idéia: se escapo de mais essa, escrevo um livro contando como foi tudo. Tudo? [...] Este portanto é o livro de um homem correndo da polícia [...] (GABEIRA: 1984, 12)

Vemos, portanto, que Marcelo Rubens Paiva, talvez, até sem se dar conta, segue os passos de Gabeira: retoma sua história pessoal e os acontecimentos que marcaram o pretérito recente do país, através da escrita. O porquê desse resgate através da literatura, o próprio autor parece-nos sinalizar em seu texto:

Depois do jornal, passei pro Gabeira. Na UTI, onde ditavam este livro pra mim, não tinha entendido direito, portanto comecei a ler tudo de novo. Minha avó virava as páginas. Muito melhor ler do que ouvir ditado. As palavras, quando escritas, ganham sentimentos, mais verdade. Aquilo estava ali e não poderia ser apagado, enquanto a memória apaga facilmente. (PAIVA: 1982, 80-1)

Evitar o apagamento da memória; eis um dos elementos que teriam desencadeado a escrita de Marcelo Rubens Paiva. Este, afinal, acaba sendo um dos fatores primordiais da literatura produzida no Brasil após os anos 70. O trabalho de reflexão e o registro de fatos memoráveis são a alternativa encontrada pelos intelectuais para darem continuidade à missão dos militantes de outrora. No lugar da arma, o papel em punho. A necessidade não mais de derrubar o regime militar, mas de mantê-lo vivo na memória nacional, juntamente com suas implicações de cerceamento da liberdade, tal como um legado para o futuro, em nome da preservação da democracia.

Tal conduta parece ser a opção mais acertada diante do esquecimento que toma conta de uma parcela dos intelectuais brasileiros, conforme considera Silviano Santiago:

Talvez seja correto afirmar que a memória histórica no Brasil é uma planta tropical, pouco resistente e muito sensível às mudanças no panorama sócio-econômico e político internacional. [...] A passagem do luto para a democratização, alicerçada pela desmemória dos radicais da atualidade, foi dada por passadas largas que uns, e muitos julgam até hoje, precipitadas e prematuras. Para eles, a anistia no Brasil,

concedida a todos e qualquer um por decreto-lei, não deixou que o país acertasse contas com o seu passado recente e negro. (SANTIAGO: 1998, 22-3)

Em *Feliz ano velho*, o escritor abre espaço para esse “acerto de contas” e, mesmo partindo de fatos particulares, chega a alcançar, ainda que tangencialmente, um contexto que supera o pessoal e abre espaço para a reflexão coletiva.

4. “REAPRENDENDO A ANDAR”

Concomitantemente ao sentimento melancólico, que conduz à reflexão e perpassa os fatos passados, Marcelo Rubens Paiva lança um olhar de questionamento rumo ao futuro. É a respeito desse vislumbre que propomos a possibilidade de uma metáfora entre a recuperação dos movimentos da personagem, após o acidente, e a retomada da democracia no Brasil, depois do período totalitário:

Era mais ou menos a sensação que eu estava esperando sentir, quando saísse daquele hospital. Exilado, sem poder voltar. Alguma coisa ia mudar, isso eu sabia. Mas tinha medo de imaginar o que poderia ser. Afinal, para onde eu voltaria? Não, eu não devia pensar nessas coisas. Ia dar tudo certo. (PAIVA: 1982, 38)

A expectativa marca as cogitações acerca do amanhã e há uma grande oscilação entre esperança e medo. Podemos especular que o aturdimento é o elo de ligação entre as lucubrações de MRP envolvendo seu próprio futuro e o do país. Nas duas instâncias, fatos excepcionais abalam a ordem estabelecida. O acidente na lagoa e a redemocratização exigirão, tanto da personagem quanto da nação, mudanças de hábitos e adaptações perante a nova realidade que se descortina. E o Brasil, assim como Marcelo, precisará “reaprender a andar”:

Em 79, o Figueiredo assume o poder, e a metade do país estava em greve [...] “Não é uma greve política”, diziam os jornais em letras garrafais. Mas os olhos dos estudantes brilhavam: “Será que está chegando a hora?” Eu já estava me preparando pra agir. [...] O MDB fora extinto e novos partidos já estavam em organização. Um deles, um tal de PT (Partido dos Trabalhadores), organizado por alguns recentes líderes sindicais

e pelo tal de Lula. [...] Orgulho-me de ser um dos primeiros filiados do PT e um dia ainda direi pros meus filhos: - Tá vendo, sabia que isso ia dar certo... (Idem, 1982, 142-4)

Como expressa a citação acima, apesar das dolorosas memórias, constantemente mencionadas, a expectativa por mudanças efetivas também faz parte do livro de MRP. O saldo de sua escrita, afinal, não é sombrio, mas sóbrio; o autor mantém o olhar crítico sobre o passado, mas oferece brechas em seu texto, por onde se pode enxergar a esperança de um Brasil melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordarmos criticamente o livro *Feliz ano velho*, pudemos ressaltar dois elementos essenciais: as reflexões sobre o passado e as especulações que demonstram a preocupação com o futuro. Na primeira acepção, diretamente ligada ao teor autobiográfico da obra, a memória adquire fundamental importância. Esta, no entanto, transcende a questão meramente particular. Roberto Correa dos Santos resume esse caráter redentor da escrita memorialística:

Os estudos sob a rubrica da Memória dirigem-se por tal empenho humanizador de retirar do esquecimento: uns visam a pôr em evidência, uns a ordenar e a compreender, uns a atualizar e a reformar; outros visam a preservar, outros a restaurar. Cada direção dessas formula um modelo próprio de conceber a História. (SANTOS: 1999, 16)

Resgatando acontecimentos passados, Marcelo Rubens Paiva nos permite compreender a história recente do país e os seus desdobramentos. Além disso, ele refuta a amnésia que atinge parte da intelectualidade brasileira pós-ditadura militar, muito mais comprometida com a elaboração do arcabouço da redemocratização.

O teor melancólico adotado pelo autor evita que ele deixe-se levar por essa onda de glorificação à liberdade que já se entevem no período em que a obra é escrita (início dos anos 80). Em detrimento da exaltação à anistia e à abertura política, MRP prefere trazer à tona a dor da perseguição e da tortura, na figura de seu pai. A alusão ao episódio familiar serve, ao mesmo tempo, como exorcismo da dor particular e uma espécie de aviso contra a intolerância de regimes totalitários.

Tomando como referência e “colega” em suas reflexões o livro *O que é isso companheiro?*, o escritor, à maneira de Fernando Gabeira, parece-nos sinalizar para um novo ciclo que se inicia na nação:

O governo havia decretado nossa morte oficial assinando uma pena de banimento, mas, paradoxalmente, começávamos a viver. [...] Se soubesse que era por muito tempo ou talvez para sempre, se soubesse que não era eu que estava partindo, mas que o carrossel empurrava aquele avião para um caminho, num certo sentido, sem volta, até que diria: tchau Vera Cruz, tchau Santa Cruz, tchau Brasil. (GABEIRA: 1984, 261)

A nova “vida” a que Gabeira se refere, e sobre a qual Marcelo Rubens Paiva faz considerações, estaria relacionada à luta dos intelectuais brasileiros que, a partir da “nova república”, trocam as armas e as palavras de ordem das passeatas pelas admoestações perpetuadas em textos, que não nos deixam esquecer do pretérito pungente. As provas dessa nova conduta defendida pelos dois escritores seriam, justamente, suas memórias publicadas durante a abertura política e que, conforme analisamos, representam não apenas um resgate pessoal, mas um grito de alerta para as novas gerações.

BIBLIOGRAFIA

BEVERLEY, John. Post-literatura: Sujeto subalterno e impase de las humanidades. In: *Una modernidad obsoleta: estudios sobre el barroco*. Caracas: Fondo Editorial ALEM, 1997. p. 129-155

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite & outros ensaios*. 2ed. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162

GABEIRA, Fernando. *O que é isso companheiro?*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

KRISTEVA, Julia. *Sol negro: depressão e melancolia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

LAGES, Susana Kampff. *Walter Benjamin: tradução e melancolia*. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2002.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

_____. A poesia do reesvaziado. In: *Caderno da Escola do Legislativo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.

PAIVA, Marcelo Rubens. *Feliz ano velho*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. *Blecaute*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. *UA: BRARI*. São Paulo: Mandarim, 1990.

PEREIRA, Maria Luiza Scher. Modos de viajar, modos de narrar. Modos de ler, modos de escrever. In: CHAVES, Rita & MACEDO, Tânia (Org). *Literaturas em movimento; hibridismo cultural e exercício crítico*. São Paulo: Arte & Ciência, 2003. p. 163-175

PIGLIA, Ricardo. Memoria y tradición. In: *Revista do 20. Congresso da Abralic*. Belo Horizonte: UFMG, s/d/.

_____. Una propuesta para el nuevo milenio. In: *Caderno de Cultura*. Buenos Aires: Margens, 2001.

SANTIAGO, Silvano. Democratização no Brasil – 1979-1981 (Cultura versus Arte). In: ANTERO, R. e outros (Org). *Declínio da arte, ascensão da cultura*. Florianópolis: Abralic, Letras contemporâneas, 1998.

SANTOS, Roberto Correa dos. *Modos de saber, modos de adoecer*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.